

Mercado de testes ganha força com novas tecnologias

De São Paulo

Há 20 anos, o médico geneticista Salmo Raskin, diretor do centro de aconselhamento genético e laboratório Genetika, em Curitiba, vem divulgando os testes de diagnóstico molecular no Brasil. Mas ninguém o ajudou tanto nessa função quanto a atriz Angelina Jolie. Bastou ela revelar ao mundo, em maio, que retirou os seios depois que um teste genético indicou que ela teria 87% de chances de desenvolver câncer nos seios e 50% de câncer de ovário, para o movimento em seu consultório aumentar oito vezes em 30 dias.

“Ela conseguiu em um dia o que tento há anos: convencer as pessoas da importância do teste genético como ferramenta de auxílio para possíveis medidas preventivas em pacientes com indicações de doenças hereditárias”, diz.

O teste existe há quase dez anos e ganhou escala de 2008 para cá com os avanços dos equipamentos de segunda geração. Trata-se apenas de um entre centenas de outros testes que a indústria da medicina genética vem aperfeiçoando com novas tecnologias, capazes de mapear simultaneamente dezenas de genes em menos tempo e com menor custo. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisa do Genoma Humano, nos Estados Unidos, em 2001 eram necessários US\$ 100 milhões para sequenciar os 23 pares de cromossomos presentes na célula humana. Agora o custo do laboratório não chega a US\$ 10 mil. A corrida agora é chegar a 100 dólares em poucos anos.

Enquanto isso não acontece, esse mercado está em plena expansão no Brasil. Hospitais e laboratórios investem milhões de reais na aquisição de equipamentos. O tempo e os valores também estão caindo para quem procura os testes, porém os preços ainda deverão continuar cerca de 50% acima dos praticados nos EUA por causa dos impostos de importação e dos reagentes utilizados no mapeamento. Uma máquina de nova geração pode custar de US\$ 500 mil a US\$ 1 milhão. “A tendência é que a indústria de biotecnologia comece a fazer os reagentes no Brasil, o que vai ajudar a baratear, mas os

equipamentos continuarão sendo produzidos lá fora”, diz Mariano Gustavo Zalis, diretor de P&D do laboratório Progenética, no Rio de Janeiro, onde o teste da Angelina custa R\$ 6 mil.

O custo é escalonável pelo número de genes que vai ser sequenciado. “Quanto maior o número de genes, mais caro”, diz Gustavo Campana, diretor-executivo do

laboratório carioca DLE, onde o exame mais barato está em torno de R\$ 1,5 mil e o mais caro, com mais genes, R\$ 15 mil. Há dois anos, o laboratório vem apostando na expansão da área de diagnóstico molecular por acreditar que esse é um mercado com uma grande demanda reprimida, por ter poucos laboratórios especializados e pela relativa novidade.

Foi pensando dessa mesma forma que o médico geneticista João Bosco Oliveira criou, no início deste ano, com investimentos de US\$ 5 milhões, a Genomika, o primeiro laboratório especializado nessa área em Recife e o primeiro do Nordeste a trabalhar em larga escala, com foco em oncologia e doenças raras. A Genomika já fechou contratos com o Hospital Al-

bert Einstein e o laboratório Salomão Zoppi, ambos em São Paulo, para fornecer seus produtos. Os preços variam de R\$ 600 a R\$ 6 mil “Começamos oferecendo testes com até 12 genes e em mais dois meses vamos começar a fazer com 30 genes, com resultados em uma semana”, diz Oliveira.

Por ora, as mulheres são as que mais recorrem aos testes e são

das classes A e B. De acordo com a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), os planos de saúde são obrigados a cobrir os testes de análise molecular de DNA quando o paciente apresente sinais clínicos indicativos de doença atual ou história familiar e as demais possibilidades diagnósticas tiverem sido esgotadas. **(RL) (Colaborou Luiz De França)**